



INSTITUTO GAIO
Ensino Superior

VOCABULÁRIO DE **PSICANÁLISE**



#NósAcreditamosEmPessoas

www.institutogaio.com.br

**COORDENAÇÃO DO NÚCLEO DE FORMAÇÃO LIVRE PSICANÁLISE E
FORMAÇÃO DE MESTRES EM PSICANÁLISE**

✉ psicanalise@institutogaio.com.br - **Coordenação** ☎ **(11) 3277-4415/(11) 98440-3664**

📍 R. Do Ouvidor nº 54 - Conj. 62 e 71 - Sé - São Paulo/SP



AB-REAÇÃO *– Termo introduzido por Sigmund Freud e Josef Breuer, em 1893, para definir um processo de descarga emocional que, liberando o afeto ligado à lembrança de um trauma, anule seus efeitos patogênicos.

AFETO *– Termo que a psicanálise foi buscar na terminologia psicológica alemã e que exprime qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral. Segundo Freud, toda pulsão se exprime nos dois registros, **do afeto e da representação**. O afeto é a **expressão qualitativa** da quantidade de energia pulsional e das suas variações. A noção de afeto assume grande importância logo nos primeiros trabalhos de Breuer e Freud sobre a psicoterapia da histeria e a descoberta do valor terapêutico da ab-reação. A origem de um **sintoma histérico** é procurada num **acontecimento** a que **não correspondeu uma descarga adequada** (afeto coartado). Somente quando a evocação da recordação provoca a revivência do afeto que estava ligado a ela na origem é que a lembrança encontra a sua eficácia terapêutica.

Da consideração da histeria resulta portanto, para Freud, que o afeto não está necessariamente ligado à representação; a sua separação (afeto sem representação, representação sem afeto) garante a cada um diferentes destinos. Freud indica possibilidades diversas de transformação do afeto: “Conheço três mecanismos: 1º. o da **conversão dos afetos** (histeria de conversão); 2º. O do **deslocamento do afeto** (obsessões); e 3º. O da transformação do afeto (neurose de angústia, melancolia).”

AGRESSIVIDADE – Tendência ou conjunto de tendências que se atualizam em comportamentos reais ou fantasísticos que visam **prejudicar o outro**, destruí-lo, constrangê-lo, humilhá-lo, etc. A agressão conhece outras modalidades além da ação motora violenta e destruidora; não existe comportamento, quer negativo (recusa de auxílio, por exemplo) quer positivo simbólico (ironia, por exemplo) ou efetivamente concretizado, que não possa funcionar como agressão. A agressividade está em operação desde cedo no desenvolvimento do sujeito e sublinha o mecanismo complexo da sua **união** com a sexualidade e da sua separação dela. Freud encontra **a resistência** com a sua **marca agressiva**: “...o sujeito, até aquele instante tão bom, tão leal, torna-se grosseiro, falso ou revoltado, simulador”. À primeira vista, foi como **resistência que a transferência surgiu** a Freud, e essa resistência deve-se em grande medida àquilo a que ele



chamará transferência negativa. A clínica impõe a ideia de que as tendências hostis são particularmente importantes em certas afecções (neurose obsessiva, paranoia). A noção de ambivalência vem exprimir a coexistência no mesmo plano do amor e do ódio. O chiste pode pôr-se a serviço de duas tendências: ou é um chiste hostil (que serve à agressão, à sátira, à defesa), ou então é um chiste obsceno.

Por fim o Complexo de Édipo é descoberto logo no início como conjunção de desejos amorosos e hostis.

Sabe-se que, na primeira teoria das pulsões, as pulsões sexuais tem como opostas as pulsões de autoconservação. Estas, de modo geral, tem por função a manutenção e a afirmação da existência individual. Nesse quadro teórico, a explicação de comportamentos ou de sentimentos tão manifestamente agressivos como o sadismo ou o ódio, por exemplo, é procurado num mecanismo complexo dos dois grandes tipos de pulsões. A teoria explícita de Freud a respeito da agressividade pode resumir-se assim: “Uma parte da pulsão de morte é posta diretamente a serviço da pulsão sexual, onde o seu papel é importante. É o sadismo propriamente dito. Outra parte não acompanha esse desvio para o exterior, mantém-se no organismo, onde está ligada libidinalmente pelo auxílio da excitação sexual de que se faz acompanhar...reconhecemos aí o masoquismo originário, erógeno.

AMBIVALÊNCIA – Presença simultânea, na relação com o mesmo objeto, de tendências, de atitudes e de sentimentos opostos, fundamentalmente o amor e o ódio. Freud emprestou o termo “ambivalência” de Bleuler, que o criou. Bleuler considera a ambivalência em três domínios. Voluntário: o sujeito quer ao mesmo tempo comer e não comer, por exemplo. Intelectual: o sujeito enuncia simultaneamente uma proposição e o seu contrário. Afetivo: ama e odeia em um mesmo movimento a mesma pessoa.

AMNÉSIA INFANTIL – Amnésia que geralmente cobre os fatos dos primeiros anos da vida. Freud vê nela algo diferente do efeito de uma incapacidade funcional que a criança teria de registrar as suas impressões; ela resulta do recalque que incide na sexualidade infantil e se estende à quase totalidade dos acontecimentos da infância. O campo abrangido pela amnésia infantil encontraria o seu limite temporal no declínio do complexo de Édipo e entrada no período de latência.



APOIO – Termo que designa a relação original entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação, só vindo aquelas a se tornar independentes depois de se haverem apoiado nestas. É esse processo de apoio que se prolonga, no correr do desenvolvimento psicosexual, na fase da escolha do objeto de amor, que Freud esclarece falando de um tipo de escolha objetual por apoio. O primeiro exemplo observado é o da atividade oral do lactente. No próprio curso da satisfação orgânica da necessidade nutricional, obtida mediante a sucção do seio materno, o seio, objeto primário, torna-se fonte de prazer sexual, zona erógena. Efetua-se uma dissociação da qual nasce um prazer erótico, irredutível àquele que é obtido unicamente pela satisfação da necessidade. Nesse momento aparece uma necessidade de repetir a atividade de sucção, apesar de a satisfação orgânica ter sido alcançada, necessidade esta que vai se tornando autonomamente pulsional. Esse processo se repete em relação a todas as funções corporais a que correspondem as pulsões de autoconservação, com a constituição de zonas erógenas correspondentes, anal, genital, etc. No decorrer desse processo de diferenciação, a pulsão sexual abandona o objeto externo e passa progressivamente a funcionar de modo auto-erótico.

ASSOCIAÇÃO LIVRE *– Método que consiste em exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que ocorrem ao espírito, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação), quer de forma espontânea.

ATO-FALHO *– Ato pelo qual o sujeito, a despeito de si mesmo, substitui um projeto ao qual visa deliberadamente por uma ação ou uma conduta imprevistas. Tal como em relação ao lapso, Sigmund Freud foi o primeiro, a partir da Interpretação dos Sonhos, a atribuir uma verdadeira significação ao ato falho, mostrando que é preciso relacioná-lo aos motivos inconscientes de quem o comete. O ato falho ou acidental torna-se equivalente a um sintoma, na medida em que é um compromisso entre a intenção consciente do sujeito e seu desejo inconsciente.

AUTO-EROTISMO *– Termo que designa um comportamento sexual de tipo infantil, em virtude do qual o sujeito encontra prazer unicamente com seu próprio corpo, sem recorrer a qualquer objeto externo.

BENEFÍCIO PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO DA DOENÇA – Benefício da doença designa de um modo geral qualquer satisfação direta ou indireta que um sujeito tira de sua doença. O benefício primário está ligado ao próprio determinismo dos sintomas. O benefício primário consiste na



redução de tensão proporcionada pelo sintoma; este, por doloroso que seja, tem por objetivo evitar ao sujeito conflitos às vezes mais penosos: é o chamado mecanismo da “fuga para a doença”.

BISSEXUALIDADE – Noção que Freud introduziu na psicanálise onde todo o ser humano teria constitucionalmente disposições sexuais simultaneamente masculinas e femininas que surgem nos conflitos que o sujeito enfrenta para assumir o seu próprio sexo.

A teoria da bissexualidade fundamenta-se, em primeiro lugar, em dados da anatomia e da embriologia: “Um certo grau de hermafroditismo anatômico é normal. Em todo o indivíduo, macho ou fêmea, encontram-se vestígios do aparelho genital do sexo oposto...Desses fatos anatômicos, conhecidos já há muito tempo, decorre a noção de um organismo bissexual na sua origem, que, no decurso de sua evolução, orienta-se para a monossexualidade conservando alguns restos do sexo atrofiado”.

Existiria um conflito entre as tendências masculinas e femininas que seria recalcado em todos os indivíduos. O sexo que domina na pessoa teria recalcado no inconsciente a representação psíquica do sexo vencido.

CANIBALESCO – Termo empregado por referência ao canibalismo praticado por certos povos – para qualificar relações de objeto e fantasias que estão em correlação com a atividade oral. O termo exprime de modo figurado as diferentes dimensões da incorporação oral: amor, destruição, conservação no interior de si mesmo e apropriação das qualidades do objeto. Fala-se por vezes de fase canibalesca como equivalente da fase oral ou, mais especialmente, como equivalente da segunda fase oral de Abraham (fase sádico-anal).

CATÁRTICO (MÉTODO)* – Método de psicoterapia em que o efeito terapêutico visado é uma “purgação”, uma descarga adequada dos afetos patogênicos. O tratamento permite ao sujeito evocar e até reviver os acontecimentos traumáticos a que esses afetos estão ligados, e ab-reagí-los. Historicamente, o “método catártico” pertence ao período (1880-1895) em que a terapia psicanalítica se definia progressivamente a partir de tratamentos efetuados sob hipnose.

CENA ORIGINÁRIA OU CENA PRIMÁRIA – Cena de relação sexual entre os pais, observada ou suposta segundo determinados índices e fantasiada pela criança, que é geralmente interpretada por ela como um ato de violência por parte do pai.



CENSURA – Função que tende a interditar aos desejos inconscientes e às formações que deles derivam o acesso ao sistema pré-consciente-consciente.

CLIVAGEM DO EGO – Expressão usada por Freud para designar o fenômeno muito particular – que ele vê operar sobretudo no fetichismo e nas psicoses – da coexistência, no seio do ego, de duas atitudes psíquicas para com a realidade exterior quando esta contraria uma exigência pulsional. Uma leva em conta a realidade, a outra nega a realidade em causa e coloca em seu lugar uma produção do desejo. Estas duas atitudes persistem lado a lado sem se influenciarem reciprocamente.

COMPLACÊNCIA SOMÁTICA – Expressão introduzida por Freud para referir a “escolha da neurose” histérica e a escolha do órgão ou do aparelho corporal sobre o qual se dá a conversão. O corpo – especialmente nos histéricos – ou determinado órgão em particular forneceria um material privilegiado à expressão simbólica do conflito inconsciente.

COMPLEXO – Conjunto organizado de representações e recordações de forte valor afetivo, parcial ou totalmente inconscientes. Um complexo constitui-se a partir das relações interpessoais da história infantil, pode estruturar todos os níveis psicológicos: emoções, atitudes, comportamentos adaptados.

COMPLEXO DE CASTRAÇÃO – Complexo centrado na fantasia de castração, que proporciona uma resposta ao enigma que a diferença anatômica dos sexos (presença ou ausência de pênis) coloca para a criança. Essa diferença é atribuída à amputação do pênis na menina. A estrutura e os efeitos do complexo de castração são diferentes no menino e na menina. O menino teme a castração como realização de uma ameaça paterna em resposta às suas atividades sexuais, surgindo daí uma intensa angústia de castração. Na menina, a ausência do pênis é sentida como um dano sofrido que ela procura negar, compensar ou reparar.

O complexo de castração está em estreita relação com o complexo de Édipo e, mais especialmente, com a função interditória e normativa.

COMPLEXO DE ÉDIPO * – Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo de morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo



progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo. Segundo Freud, o apogeu do complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a **fase fálica**; o seu declínio marca a entrada no período de **latência**. É revivido na puberdade e é superado com maior ou menor êxito num tipo especial de escolha de objeto. O complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estrutura da personalidade e na orientação do desejo humano. Para os psicanalistas, ele é o principal eixo de referência da psicopatologia; para cada tipo patológico eles procuram determinar as formas particulares da sua posição e da sua solução. A antropologia psicanalítica procura encontrar a estrutura triangular do complexo de Édipo, afirmando a sua universalidade nas culturas mais diversas, e não apenas naquelas em que predomina a família conjugal.

COMPULSÃO À REPETIÇÃO – Ao nível da psicopatologia concreta, processo incoercível e de origem inconsciente, pelo qual o sujeito se coloca ativamente em situações penosas, repetindo assim experiências antigas sem se recordar do protótipo e tendo, pelo contrário, a impressão muito viva de que se trata de algo plenamente motivado na atualidade. É referida fundamentalmente ao caráter mais geral das pulsões: o seu caráter conservador.

É evidente que a psicanálise se viu confrontada desde a origem com fenômenos de repetição. Se focalizarmos particularmente os sintomas, por um lado alguns deles são manifestamente repetitivos (rituais obsessivos, por exemplo), e, por outro, o que define o sintoma em psicanálise é precisamente o fato de reproduzir, de maneira mais ou menos disfarçada, certos elementos de um conflito passado (é nesse sentido que Freud qualifica, no início da sua obra, o sintoma histérico como símbolo mnêmico). De um modo geral, o recalcado procura “retornar” ao presente, sob a forma de sonhos, de sintomas, de atuação...”o que permaneceu incompreendido retorna; como uma alma penada, não tem repouso até que seja encontrada solução e alívio.

COMPULSÃO, COMPULSIVO – Clinicamente falando, é o tipo de conduta que o sujeito é levado a realizar por uma imposição interna. Um pensamento (obsessão), uma ação, uma operação defensiva, mesmo uma sequência complexa de comportamentos, são qualificados de compulsivos quando a sua não-realização é sentida como tendo de acarretar um aumento de angústia.



CONDENSAÇÃO* – Um dos modos essenciais do funcionamento dos processos inconscientes. Uma **representação única** representa por si só **várias cadeias associativas**. Vemos operar a condensação no sintoma e, de um modo geral, nas diversas formações do inconsciente. Foi no sonho que melhor se evidenciou. Traduz-se no sonho pelo fato de o relato manifesto, comparado com o conteúdo latente, ser lacônico: constitui uma tradução resumida.

CONFLITO PSÍQUICO – Em psicanálise fala-se de conflito quando, no sujeito, opõe-se exigências internas contrárias. O conflito pode ser manifesto (entre um desejo e uma exigência moral, por exemplo, ou entre dois sentimentos contraditórios) ou latente, podendo este exprimir-se de forma deformada no conflito manifesto e traduzir-se, particularmente, pela formação de sintomas, desordens do comportamento, perturbações do caráter, etc. a psicanálise considera o conflito como constitutivo do ser humano, e isto em diversas perspectivas: conflito entre o desejo e a defesa, conflito entre os diferentes sistemas ou instâncias, conflitos entre as pulsões, e por fim o conflito edípico, onde não apenas se defrontam desejos contrários, mas onde estes enfrentam a interdição.

CONSCIÊNCIA PSICOLÓGICA – No sentido descritivo: qualidade momentânea que caracteriza as percepções externas e internas no conjunto dos fenômenos psíquicos. Segundo a teoria metapsicológica de Freud, a consciência seria função de um sistema, o sistema percepção-consciência (Pc-Cs). Do ponto de vista tópico, o sistema percepção-consciência está situado na periferia do aparelho psíquico, recebendo ao mesmo tempo as informações do mundo exterior e as provenientes do interior, isto é, as sensações que se inscrevem na série desprazer-prazer e as revivências mnésicas. Caracteriza-se pelo fato de dispor de uma energia livremente móvel, suscetível de sobre-investir este ou aquele elemento (mecanismo da atenção).

CONTEÚDO LATENTE – Conjunto de significações a que chega a análise de uma produção do inconsciente, particularmente do sonho. Uma vez decifrado, o sonho deixa de aparecer com uma narrativa em imagens para se tornar uma organização de pensamentos, um discurso, que exprime um ou vários desejos.

CONTEÚDO MANIFESTO – Designa o sonho antes de ser submetido à investigação analítica, tal como aparece ao sonhante que o relata. Por extensão, fala-se do conteúdo manifesto de qualquer produção verbalizada – desde a fantasia à obra literária – que se pretende interpretar segundo o método analítico.



CONTRACATEXIA (ou CONTRAINVESTIMENTO) – Processo econômico postulado por Freud como suporte de numerosas atividades defensivas do ego. Consiste no investimento pelo ego de representações, atitudes, etc., suscetíveis de criarem obstáculo para o acesso à consciência e à motilidade das representações e desejos inconscientes.

CONVERSÃO – Mecanismo de formação de sintomas que opera na histeria e mais especificamente na histeria de conversão. Consiste numa transposição de um conflito psíquico e numa tentativa de resolvê-lo em termos de sintomas somáticos, motores (paralisias, por exemplo) ou sensitivos (anestésias ou dores localizadas, por exemplo). O que especifica os sintomas de conversão é a sua significação simbólica: eles exprimem, pelo corpo, representações recalçadas.

DEFESA – Sigmund Freud designa por esse termo o conjunto das manifestações de proteção do eu contra as agressões internas (de ordem pulsional) e externas, suscetíveis de constituir fontes de excitação e, por conseguinte, de serem fatores de desprazer. As diversas formas de defesa costumam ser agrupadas na expressão “mecanismos de defesa”.

DEFORMAÇÃO – Efeito global do trabalho do sonho: os pensamentos latentes são transformados em um produto manifesto dificilmente reconhecível.

DESAMPARO (ESTADO DE) – Termo da linguagem comum que assume um sentido específico na teoria freudiana. Estado do lactente que, dependendo inteiramente de outrem para a satisfação das suas necessidades (sede, fome), é impotente para realizar a ação específica adequada para por fim à tensão interna. Para o adulto, o estado de desamparo é o protótipo da situação traumática geradora de angústia.

DESEJO – Na concepção dinâmica freudiana, um dos pólos do conflito defensivo. O desejo inconsciente tende a realizar-se restabelecendo, segundo as leis do processo primário, os sinais ligados às primeiras vivências de satisfação. A psicanálise mostrou, no modelo do sonho, como o desejo se encontra nos sintomas sob a forma de compromisso.

DESINVESTIMENTO – Retirada do investimento que estava ligado a uma representação, a um grupo de representações, a um objeto, a uma instância, etc. Substrato econômico de diversos processos psíquicos, e em particular do recalque.



DESLOCAMENTO * – Fato de a importância, o interesse, a intensidade de uma representação ser suscetível de **se destacar dela para passar a outras representações** originalmente pouco intensas, ligadas à primeira por uma cadeia associativa. Esse fenômeno, particularmente visível na análise do sonho, encontra-se na formação dos sintomas psiconeuróticos e, de um modo geral, em todas as formações do inconsciente.

ECONÔMICO * – Qualifica tudo o que se refere a hipótese de que os processos psíquicos consistem na **circulação e repartição** de uma energia quantificável (energia pulsional), isto é, suscetível de aumento, de diminuição, de equivalências.

EGO ou EU – Instância que Freud, na sua segunda teoria do aparelho psíquico, distingue do id e do superego. Do ponto de vista tópico, o ego está numa relação de dependência tanto para com as reivindicações do id, como para os imperativos do superego e exigências da realidade. Embora se situe como **mediador**, encarregado dos interesses da totalidade da pessoa, a sua autonomia é apenas relativa. Do ponto de vista dinâmico, o ego representa eminentemente, no conflito neurótico, o pólo defensivo da personalidade; põe em jogo uma série de mecanismos de defesa, estes motivados pela percepção de um afeto desagradável (sinal de angústia). Do ponto de vista econômico, o ego surge como um fator de ligação dos processos psíquicos; mas, nas operações defensivas, as tentativas de ligação da energia pulsional são contaminadas pelas características que especificam o processo primário. A teoria psicanalítica procura explicar a gênese do ego em dois registros relativamente heterogêneos, quer vendo nele um aparelho adaptativo, diferenciado a partir do id em contato com a realidade exterior, quer definindo-o como o produto de identificações que levam à formação no seio da pessoa de um objeto de amor investido pelo id. Relativamente à primeira teoria do aparelho psíquico, o ego é mais vasto do que o sistema pré-consciente, na medida em que as suas operações defensivas são em grande parte inconscientes.

EGO IDEAL ou EU IDEAL – Formação intrapsíquica que certos autores, diferenciando-a do ideal do ego, define como um ideal narcísico de onipotência forjado a partir do modelo do narcisismo infantil.

ELABORAÇÃO SECUNDÁRIA – Remodelação do sonho destinada a apresentá-lo sob a forma de uma história relativamente coerente e compreensível.



ERÓGENO – O que se relaciona com a produção de uma excitação sexual. Este adjetivo é utilizado a maior parte das vezes na expressão zona erógena, mas também o encontramos em expressões como masoquismo erógeno, atividade erógena, etc.

EROS – Termo pelo qual os gregos designavam o amor e o deus Amor. Freud utiliza-o na sua última teoria das pulsões para designar o conjunto das pulsões de vida em oposição às pulsões de morte.

EROTISMO URETRAL – Por um lado a enurese infantil é interpretada como um equivalente da masturbação. Por outro, as ligações simbólicas que podem existir entre a micção e o fogo são já apontadas. Freud escreve “Conheço a ambição desmesurada e ardente dos que outrora foram enuréticos. K. Abraham põe em evidência as fantasias infantis de onipotência que podem acompanhar o ato de micção: “...sensação de possuir um grande poder, quase ilimitado, de criar ou destruir todos os objetos”.

Melanie Klein sublinha a importância dessas fantasias, particularmente as de agressão e de destruição pela urina. Identifica o papel, segundo ela “...até agora muito pouco reconhecido, do sadismo uretral no desenvolvimento da criança”, e acrescenta “As análises de adultos, tal qual as análises de crianças, puseram-me constantemente na presença de fantasias em que a urina era imaginada como um agente de corrosão, de desagregação e de corrupção, e como um veneno secreto e insidioso. Essas fantasias de natureza sado-uretral contribuem em grande medida para a atribuição inconsciente de uma função cruel ao pênis, e para as perturbações da potencia sexual no homem.

Salientamos que diversos autores (Fenichel, por exemplo) distinguiram diferentes modalidades de prazer ligadas à função urinária (“deixar correr passivamente”, “reter-se”, etc.)

ESCOLHA DE OBJETO OU ESCOLHA OBJETAL – Ato de eleger uma pessoa ou um tipo de pessoa como objeto de amor. Distingue-se uma escolha de objeto infantil e uma escolha de objeto pubertária, sendo que a primeira traça o caminho da segunda. Para Freud atuam na escolha de objeto duas modalidades principais: o tipo de escolha de objeto por apoio e o tipo narcísico de escolha de objeto.

O termo “escolha” não deve ser tomado aqui num sentido intelectualista. Evoca o que pode haver de irreversível e de determinante na eleição do sujeito, num momento decisivo da sua



história, do seu tipo de objeto de amor. Note-se que a expressão “escolha de objeto” é utilizada para designar quer a escolha de uma pessoa determinada (exemplo: “a sua escolha de objeto incide sobre o pai”), quer a escolha de certo tipo de objeto (exemplo: “escolha de objeto homossexual”).

ESCOLHA DE OBJETO POR APOIO – Tipo de escolha de objeto em que o objeto de amor é eleito a partir do modelo das figuras parentais na medida em que estas asseguram à criança alimento, cuidados e proteção. Fundamenta-se no fato de as pulsões sexuais se apoiarem originalmente nas pulsões de autoconservação.

Freud fala de um “ tipo de escolha de objeto por apoio” para contrapô-la ao tipo de escolha narcísica de objeto”. Freud mostrava então como, na origem, as primeiras satisfações sexuais apareciam por ocasião do funcionamento dos aparelhos que servem para a conservação da vida e como deste apoio originário resulta que as funções de autoconservação indicam à sexualidade um primeiro objeto: o seio materno. Mais tarde, “...a criança aprende a amar outras pessoas que ajudam no seu estado de desamparo e que satisfazem as suas necessidades; e este amor forma-se inteiramente a partir do modelo das relações com a mãe que a alimenta durante o período de amamentação e no prolongamento dessas relações. Freud dirá: “ama-se segundo o tipo de escolha de objeto por apoio: a) a mulher que alimenta; b) o homem que protege e as linhagens de pessoas substitutivas que dele descendem.

ESCOLHA NARCÍSCICA DE OBJETO – Tipo de escolha de objeto que se faz com base no modelo de relação do sujeito com a sua própria pessoa, e em que o objeto representa a própria pessoa sob este ou aquele aspecto.

A descoberta de que determinados sujeitos, particularmente os homossexuais, “...escolhem o seu objeto de amor a partir do modelo da sua própria pessoa” é para Freud “o motivo mais forte que nos obrigou a admitir a existência do narcisismo. A escolha narcísica de objeto opõe-se à escolha de objeto por apoio na medida em que não é a reprodução de uma relação de objeto preexistente, mas a formação de uma relação de objeto a partir do modelo da relação do sujeito consigo mesmo. Nas suas primeiras elaborações sobre o narcisismo, Freud faz da escolha narcísica homossexual uma etapa que leva o sujeito do narcisismo à heterossexualidade: a criança escolheria a princípio um objeto de órgãos genitais semelhantes aos seus. Mas já no caso da homossexualidade a noção de escolha narcísica não é simples: o



objeto é escolhido a partir do modelo da criança ou do adolescente que o sujeito foi um dia, e o sujeito identifica-se com a mãe que outrora tomava conta dele.

Freud amplia a noção de escolha narcísica e apresenta dela o quadro seguinte:

“Ama-se segundo o tipo narcísico:

- a) O que se é (a própria pessoa);
- b) O que se foi;
- c) O que se gostaria de ser
- d) A pessoa que foi uma parte da própria pessoa

Nos três primeiros casos, trata-se da escolha de um objeto semelhante à própria pessoa do sujeito. No item d Freud visa o amor narcísico que a mãe tem pelo filho que foi outrora “uma parte de sua própria pessoa”. Aqui o caso é muito diferente, visto que o objeto eleito não é semelhante à própria unidade do sujeito, mas sim o que lhe permite reencontrar, restaurar a sua unidade perdida.”

EXIBICIONISMO – Dá-se o nome de “exibicionismo” à perversão sexual na qual a satisfação está ligada ao fato de mostrar, de exibir suas partes genitais. O exibicionismo é um dos componentes da vida pulsional, a saber, uma pulsão parcial que aparece com o seu oposto, o prazer escópico, o olho correspondendo então à zona erógena pertinente. Nessa perspectiva, o exibicionismo é uma regressão a uma fixação anterior da libido. A compulsão à exibição depende também estreitamente do complexo de castração; ela afirma sem descanso a integridade do órgão genital (masculino) do interessado e repete a satisfação infantil diante da ausência de membro do órgão feminino.

FANTASIA – Roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que representa, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente.

A fantasia apresenta-se sob diversas modalidades: fantasias conscientes ou sonhos diurnos; fantasias inconscientes como as que a análise revela, como estruturas subjacentes a um conteúdo manifesto: fantasias originárias.



FANTASIAS ORIGINÁRIAS – Estruturas fantasísticas típicas (vida intra-uterina, cena originária, castração, sedução) que a psicanálise descobre como organizando a vida fantasística sejam quais forem as experiências pessoais dos sujeitos; a universalidade destas fantasias explica-se, segundo Freud, pelo fato de constituírem um patrimônio transmitido filogeneticamente.

FASE DO ESPELHO – Segundo Lacan, fase da constituição do ser humano que se situa entre os seis e os dezoito primeiros meses: a criança, ainda num estado de impotência e de incoordenação motora, antecipa imaginariamente a apreensão e o domínio da sua unidade corporal. Esta unificação imaginária opera-se por identificação com a imagem do semelhante como forma total; ilustra-se e atualiza-se pela experiência concreta em que a criança percebe a sua própria imagem num espelho. A fase do espelho constituiria a matriz e o esboço do que será o ego.

FASE FÁLICA * – Fase de organização infantil da libido que vem depois das fases oral e anal e se caracteriza por uma unificação das pulsões parciais sob o primado dos órgãos genitais; mas, o que já não será o caso na organização genital pubertária, a criança, de sexo masculino ou feminino, só conhece nesta fase um único órgão genital, o órgão masculino, e a oposição dos sexos é equivalente à oposição fálico-castrado. A fase fálica corresponde ao momento culminante e ao declínio do complexo de Édipo; o complexo de castração é aqui predominante.

FASE (ou ORGANIZAÇÃO) GENITAL – Fase do desenvolvimento psicosssexual caracterizada pela organização das pulsões parciais sob o primado das zonas genitais; compreende dois momentos, separados pelo período de latência: a fase fálica (ou organização genital infantil) e a organização genital propriamente dita que se institui na puberdade.

FASE LIBIDINAL – Etapa do desenvolvimento da criança caracterizada por uma organização, mais ou menos acentuada, da libido sob o primado de uma zona erógena e pela predominância de uma modalidade de relação de objeto.

FASE ORAL – Primeira fase da evolução libidinal. O prazer sexual está predominantemente ligado à excitação da cavidade bucal e dos lábios que acompanha a alimentação. A atividade de nutrição fornece as significações eletivas pelas quais se exprime e se organiza a relação de objeto; por exemplo, a relação de amor com a mãe será marcada pelas significações seguintes: comer, ser comido.



Abraham propôs subdividir-se esta fase em função de duas atividades diferentes: sucção (fase oral precoce) e mordedura (fase sádico-oral).

FASE SÁDICO-ANAL – Para Freud, a segunda fase da evolução libidinal, que pode ser situada aproximadamente entre os dois e os quatro anos; é caracterizada por uma organização da libido sob o primado da zona erógena anal; a relação de objeto está impregnada de significações ligadas à função de defecação (expulsão-retenção) e ao valor simbólico das fezes. Vemos aqui afirmar-se o sadomasoquismo em relação com o desenvolvimento do domínio da musculatura.

FASE SÁDICO-ORAL – Segundo período da fase oral, de acordo com uma subdivisão introduzida por K. Abraham; é caracterizado pelo aparecimento dos dentes e da atividade de morder. A incorporação assume aqui o sentido de uma destruição do objeto, o que implica que entre em jogo a ambivalência na relação de objeto.

FETICHISMO – Termo criado, por volta de 1750, a partir da palavra fetiche (derivada do português feitiço: sortilégio, artifício). Mais tarde foi retomada pelos fundadores da sexologia para designar quer uma atitude da vida sexual normal, que consiste em privilegiar uma parte do corpo do parceiro, quer uma perversão sexual (ou fetichismo patológico), caracterizada pelo fato de uma das partes do corpo (pé, boca, seio, cabelos) ou objetos relacionados com o corpo (sapatos, chapéus, tecidos etc.) serem tomados como objetos exclusivos de uma excitação ou um ato sexuais. Já em 1905, Sigmund Freud atualizou o termo, primeiro para designar uma perversão sexual, caracterizada pelo fato de uma parte do corpo ou um objeto serem escolhidos como substitutos de uma pessoa, depois para definir uma escolha perversa, em virtude da qual o objeto amoroso (partes do corpo ou objetos relacionados com o corpo) funciona para o sujeito como substituto de um falo atribuído à mulher, e cuja ausência é recusada por uma renegação.

FIGURABILIDADE ou REPRESENTABILIDADE – Exigência a que estão submetidos os pensamentos do sonho; eles sofrem uma seleção e uma transformação que os tornam aptos a serem representados em imagens, sobretudo visuais.

FIXAÇÃO – O fato de a libido se ligar fortemente a pessoas ou imagens, de reproduzir determinado modo de satisfação e permanecer organizada segundo a estrutura característica de uma das suas fases evolutivas. A fixação pode ser manifesta e real ou constituir uma virtualidade prevalescente que abre ao sujeito o caminho de uma regressão.



FORMAÇÃO DE COMPROMISSO – Forma que o recalado assume para ser admitido no consciente, retornando no sintoma, no sonho e, mais geralmente, em qualquer produção do inconsciente. As representações recaladas são então deformadas pela defesa ao ponto de serem irreconhecíveis. Na mesma formação podem assim ser satisfeitos – num mesmo compromisso – simultaneamente o desejo inconsciente e as exigências defensivas.

FORMAÇÃO REATIVA – Atitude ou hábito psicológico de sentido oposto a um desejo recalado e constituído em reação contra ele (o pudor opondo-se a tendências exibicionistas, por exemplo).

Em termos econômicos, a formação reativa é um contra-investimento de um elemento consciente, de força igual e de direção oposta ao investimento inconsciente. As formações reativas podem ser muito localizadas e se manifestar por um comportamento peculiar, ou generalizadas até o ponto de constituírem traços de caráter mais ou menos integrados no conjunto da personalidade. Do ponto de vista clínico, as formações reativas assumem um valor sintomático no que oferecem de rígido, de forçado, de compulsivo, pelos seus fracassos acidentais, pelo fato de levarem, às vezes diretamente, a um resultado oposto ao que é conscientemente visado.

FORMAÇÃO SUBSTITUTIVA – Designa os sintomas ou formações equivalentes, como os atos falhos, os chistes, etc., enquanto substituem os conteúdos inconscientes. Esta substituição deve ser tomada numa dupla acepção: *econômica*, uma vez que o sintoma acarreta uma satisfação de substituição do desejo inconsciente; *simbólica*, uma vez que o conteúdo inconsciente é substituído por outro segundo determinadas linhas associativas.

FRUSTRAÇÃO – Condição do sujeito a quem é recusada, ou que recusa a si mesmo, a satisfação de uma exigência pulsional.

FUGA PARA A DOENÇA ou REFÚGIO NA DOENÇA – Expressão figurada que designa o fato de o sujeito procurar na neurose um meio de escapar aos seus conflitos psíquicos. Esta expressão foi favorecida com a difusão da psicanálise: estende-se hoje não apenas ao domínio das neuroses, mas ainda ao das doenças orgânicas em que pode ser posta em evidência um componente psicológico.

FUSÃO – DESFUSÃO ou UNIÃO – DESUNIÃO – Termos usados por Freud, no quadro da sua última teoria das pulsões, para descrever as relações das pulsões de vida e das pulsões de



morte tal como se traduzem nesta ou naquela manifestação concreta. A fusão das pulsões é uma verdadeira mistura em que cada um dos dois componentes pode entrar em proporções variáveis; a defusão designa um processo cujo limite redundaria num funcionamento separado das duas espécies de pulsões, em que cada uma procuraria atingir o seu objetivo de forma independente. Quando Freud fala da defusão é para designar o fato de a agressividade ter conseguido quebrar todos os laços com a sexualidade.

GENITAL (AMOR) – Expressão muitas vezes usada na linguagem psicanalítica contemporânea para designar a forma de amor que o sujeito alcançaria no aperfeiçoamento do seu desenvolvimento psicosexual, o que supõe não apenas o acesso à fase genital como também a superação do complexo de Édipo.

HISTERIA *– Classe de **neuroses** que apresentam quadros clínicos muito variados. As duas formas sintomáticas mais bem identificadas são a histeria de conversão, em que o conflito psíquico vem simbolizar-se nos sintomas corporais mais diversos, paroxísticos (exemplo: crise emocional com teatralidade) ou mais duradouros (exemplo: anestésias, paralisias histéricas, sensação de “bola” faríngea, etc), e a histeria de angústia, em que a angústia é fixada de modo mais ou menos estável neste ou naquele objeto exterior (**fobias**).

Foi na medida em que Freud descobriu no caso da histeria de conversão traços etiopatogênicos importantes, que a psicanálise pode referir a uma mesma estrutura histórica quadros clínicos variados que se traduzem na organização da personalidade e no modo de existência, mesmo na ausência de sintomas fóbicos e de conversões patentes.

Preende-se encontrar a especificidade da histeria na predominância de um certo tipo de identificação e de certos mecanismos (particularmente o recalque, muitas vezes manifesto), e no aflorar do conflito edípico que se desenrola principalmente nos registros libidinais fálico e oral.

ID ou ISSO – Uma das três instâncias diferenciadas por Freud na sua segunda teoria do aparelho psíquico. O id constitui o **pólo pulsional da personalidade**. Os seus conteúdos, expressão psíquica das pulsões, são inconscientes, por um lado hereditários e inatos e, recalcados e adquiridos.



Do ponto de vista econômico, o id é, para Freud, o **reservatório inicial da energia psíquica**; do ponto de vista dinâmico, entra em conflito com o ego e o superego que, do ponto de vista genético, são as suas diferenciações.

IDEAL DO EGO ou IDEAL DO EU – Expressão utilizada por Freud no quadro da sua segunda teoria do aparelho psíquico. Instância da personalidade resultante da **convergência** do **narcisismo** (idealização do ego) e das **identificações com os pais**, com os seus substitutos e com **os ideais coletivos**. Enquanto instância diferenciada, o **ideal do ego** constitui um modelo a que o sujeito procura conformar-se.

IDENTIFICAÇÃO – Processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações.

IDENTIFICAÇÃO PRIMÁRIA – Modo primitivo de constituição do sujeito segundo o modelo do outro, que não é secundário a uma relação previamente estabelecida em que o objeto seria inicialmente colocado como independente. A identificação primária está em estreita correlação com a chamada relação de incorporação oral.

A identificação primária opõe-se às identificações secundárias que vem se sobrepor a ela, não apenas na medida em que não se teria estabelecido consecutivamente a uma relação de objeto propriamente dita e seria "...a forma mais originária do laço afetivo com um objeto". "Logo no início da fase oral primitiva do indivíduo, o investimento de objeto e a identificação talvez não se devam distinguir um da outra".

Esta modalidade do laço da criança com outra pessoa foi descrita principalmente como primeira relação com a mãe, antes de a diferenciação entre ego e alter ego estabelecer-se solidamente. Esta relação seria evidentemente marcada pelo processo da incorporação. Convém no entanto notar que, a rigor, é difícil ligar a identificação primária a um estado absolutamente indiferenciado e anobjetal.

IMAGO – Protótipo inconsciente de personagens que orienta seletivamente a forma como o sujeito apreende o outro; é elaborado a partir das primeiras relações intersubjetivas reais e fantásticas com o meio familiar.



INCESTO *- é a relação sexual ou marital entre parentes próximos ou alguma forma de restrição sexual dentro de determinada sociedade. É um tabu em quase todas as culturas humanas, sendo por isto considerado um tabu universal. O incesto é punido como crime em algumas jurisdições, e é considerado um pecado pelas maiores religiões do mundo. Na maior parte dos países ocidentais o incesto é legalmente proibido — mesmo que haja consentimento de ambas as partes.

Variam as definições de parente próximo, e aí encontra-se a dificuldade em identificar certos casos de incesto. Além de parentes por nascimento, podem ser considerados parentes aqueles que se unem ao grupo familiar por adoção ou casamento.

São consideradas incestuosas, geralmente, as relações entre pais e filhos, entre irmãos ou meio-irmãos, entre tios e sobrinhos. Em alguns países ou jurisdições, entretanto, este tipo de casamento é proibido por lei, derivando daí o caráter incestuoso do ato, nestes casos.

A procriação entre parentes próximos (inbreeding) tende a aumentar o número de homozigotos de determinada população, reduzindo, portanto, a variabilidade genética da mesma. Essa é talvez uma das explicações do tabu do incesto: **o incentivo à mistura genética**. Mais importante, no entanto, talvez seja o incentivo à exogamia pela razão de que ela amplia as relações positivas e sobretudo comerciais entre grupos sociais distintos. Do contrário, não haveria a sociedade como a conhecemos, pois as famílias fechariam-se, eventualmente tornando-se um povo, uma etnia, à parte.

O termo também é freqüentemente utilizado para casos de abuso sexual de menores por parte de parentes.

Perspectiva antropológica

Édipo é uma figura clássica ligada ao incesto. Em todas as sociedades o casamento é regulado por regras de endogamia e de exogamia. As primeiras se referem aos casamentos dentro do grupo, e a segundo, fora do grupo. O conceito de dentro e fora é bastante variável: em alguns casos, estende-se o grupo apenas no âmbito da família consanguínea, em outros a todo um clã ou grupo linguístico. O incesto se inscreve entre as práticas endogâmicas, ou seja, é o casamento (ou prática do sexo, o que às vezes implica no mesmo) que acontece dentro do grupo.



Desde Émile Durkheim o problema do incesto é um desafio aos antropólogos. Malinowski define o incesto como inerente às culturas humanas, pois que o aprendizado cultural só pode se dar em um ambiente familiar no qual haja um mínimo de retidão e desinteresse sexual. Lévi-Strauss argumenta no mesmo sentido, porém identifica com o incesto a passagem de um estado não-cultural a um estado cultural também pelo fato do incesto incentivar alianças (troca de mulheres entre grupos sociais distintos). O incesto pode ainda provocar o surgimento de rivalidades sexuais dentro da família, o que muito debilitaria a mesma.

Perspectiva psicanalítica

Na análise de Freud, o tabu do incesto e suas implicações na vida psíquica do indivíduo enraízam-se na relação da criança com o seio materno. A leitura de Lacan de Freud diz que a criança, depois do complexo de Édipo, passa do mundo imaginário, em que se encontra, auto-centrada, para passar ao mundo simbólico, o da cultura, determinado pela Lei, simbolizada pelo pai. A aceitação do relacionamento do pai com a mãe, necessariamente castrador, determina a inserção da criança no mundo social.

INCONSCIENTE – A) O adjetivo inconsciente é por vezes usado para exprimir o conjunto dos conteúdos não presentes no campo efetivo da consciência. Isto num sentido “descritivo” e não “tópico”, quer dizer, sem se fazer discriminação entre os conteúdos dos sistemas pré-consciente e inconsciente.

B) No sentido “tópico”, inconsciente designa um dos sistemas definidos por Freud no quadro da sua primeira teoria do aparelho psíquico. É **constituído por conteúdos recalçados** aos quais foi recusado o acesso ao sistema pré-consciente-consciente pela ação do recalque.

Podemos resumir do seguinte modo as características essenciais do inconsciente como sistema (ou lcs):

- a) Os seus “conteúdos” são “representantes” das pulsões;
- b) Estes “conteúdos” são regidos pelos mecanismos específicos do processo primário, principalmente a **condensação e o deslocamento**.



- c) Fortemente investidos pela energia pulsional, procuram retornar à consciência e à ação (retorno do recalçado); mas só podem ter acesso ao sistema Pcs-Cs nas formações de compromisso, depois de terem sido submetidos às deformações da censura.
- d) São, mais especialmente, **desejos da infância** que conhecem uma fixação no inconsciente.
- e) A abreviatura lcs designa o inconsciente sob a sua forma substantiva como sistema; **ics** é a abreviatura do adjetivo inconsciente enquanto qualifica em sentido estrito os conteúdos do referido sistema.

INCORPORAÇÃO – Processo pelo qual o sujeito, de um modo mais ou menos fantasístico, faz penetrar e conserva um objeto no interior do seu corpo. A incorporação constitui uma meta pulsional e um modo de relação de objeto característicos da fase oral; numa relação privilegiada com a atividade bucal e a ingestão de alimentos, pode igualmente ser vivida em relação com outras zonas erógenas e outras funções. Constitui o protótipo corporal da introjeção e da identificação.

Ao elaborar a noção de **fase oral**, Freud introduziu o termo incorporação, que acentua a relação com o objeto. Freud descrevia a atividade oral sob o aspecto relativamente limitado do prazer da sucção.

Na incorporação misturam-se intimamente diversas **metas pulsionais**. Em 1915, no quadro do que é então a sua teoria das pulsões (oposição entre as pulsões sexuais e as pulsões do ego ou de autoconservação), Freud sublinha que as duas atividades – sexual e alimentar – estão aqui estreitamente mescladas. No quadro da última teoria das pulsões (oposição entre as pulsões de vida e as pulsões de morte), é sobretudo a fusão da libido e da agressividade que é posta em evidência: “Na fase de organização oral da libido, o domínio amoroso sobre o objeto coincide ainda com o aniquilamento deste”. Esta concepção será desenvolvida por Abraham e posteriormente por M. Klein (ver fase sádico-oral).

Na verdade, estão bem presentes na incorporação três significações: obter um prazer fazendo penetrar um objeto em si; destruir esse objeto; assimilar as qualidades desse objeto conservando-o dentro de si. É este último aspecto que faz da incorporação a matriz da introjeção e da identificação.



A incorporação não se limita nem à atividade oral propriamente dita, nem à fase oral, embora a oralidade constitua o modelo de toda incorporação. Efetivamente, outras zonas erógenas e outras funções podem ser seu suporte (incorporação pela pele, pela respiração, pela visão, pela audição). Do mesmo modo, existe uma incorporação anal, na medida em que a cavidade retal é assimilada à boca, e uma incorporação genital, manifestada particularmente na fantasia de retenção do pênis no interior do corpo.

INSTINTO* – Classicamente, esquema de comportamento herdado, próprio de uma espécie animal, que pouco varia de um indivíduo para outro, que se desenrola segundo uma sequência temporal pouco suscetível de alterações e que parece corresponder a uma finalidade.

INTROJEÇÃO – Processo evidenciado pela investigação analítica. O sujeito faz passar, de um modo fantasístico, de “fora” para “dentro”, **objetos e qualidades** inerentes a esses objetos. A introjeção aproxima-se da incorporação, que constitui o seu protótipo corporal, mas não implica necessariamente uma referência ao limite corporal (introjeção no ego, no ideal do ego, etc.). Está estreitamente relacionada com a identificação.

INVEJA DO PÊNIS – Elemento fundamental da **sexualidade feminina**, e mola da sua dialética. A inveja do pênis nasce da descoberta da diferença anatômica entre os sexos: a menina sente-se lesada com relação ao menino e **deseja possuir um pênis** como ele (complexo de castração); depois, esta inveja do pênis assume, no decorrer do Édipo, duas formas derivadas: **desejo de adquirir um pênis dentro de si** (principalmente sob a forma de desejo de ter um filho e **desejo de fruir do pênis no coito**. A inveja do pênis pode redundar em numerosas formas patológicas ou sublimadas.

LATÊNCIA (PERÍODO DE -)* – Período que vai do declínio da sexualidade infantil (aos cinco ou seis anos) até o início da puberdade, e que marca uma pausa na evolução da sexualidade. Observa-se nele, deste ponto de vista, uma diminuição das atividades sexuais, a dessexualização das relações de objeto e dos sentimentos (e, especialmente, a predominância da ternura sobre os desejos sexuais), o aparecimento de sentimentos como o pudor ou a repugnância e de aspirações morais e estéticas. Segundo a teoria psicanalítica, o período de latência tem origem no declínio do complexo de Édipo; corresponde a uma **intensificação do recalque** – que tem como **efeito uma amnésia** que cobre os primeiros anos -, a uma transformação dos



investimentos de objetos em identificações com os pais e a um desenvolvimento das sublimações.

LEMBRANÇA ENCOBRIDORA – Lembrança infantil que se caracteriza ao mesmo tempo pela sua especial nitidez e pela aparente insignificância do seu conteúdo. A sua análise conduz a experiências infantis marcantes e a fantasias inconscientes. Como o sintoma, a lembrança encobridora é uma formação de compromisso entre elementos recalçados e a defesa.

LIBIDO DO EGO (ou DO EU) – LIBIDO OBJETAL – Expressões introduzidas por Freud para distinguir dois modos de investimento da libido: esta pode tomar como objeto a própria pessoa (libido do ego ou narcísica), ou um objeto exterior (libido objetal). Existe, segundo Freud, um equilíbrio energético entre esses dois modos de investimento: a libido objetal diminui quando aumenta a libido do ego, e vice-versa.

MASOQUISMO – Perversão sexual em que a satisfação está ligada ao sofrimento ou à humilhação a que o sujeito se submete. Freud estende a noção de masoquismo para além da perversão descrita pelos sexólogos, por um lado reconhecendo elementos dela em numerosos comportamentos sexuais, e rudimentos na sexualidade infantil, e por outro lado descrevendo formas que dela derivam, particularmente o “masoquismo moral”, no qual o sujeito, em razão de um sentimento de culpa inconsciente, procura a posição de vítima sem que um prazer sexual esteja diretamente implicado no fato.

MATERNAGEM – Técnica de psicoterapia das psicoses, e particularmente da **esquizofrenia**, que procura estabelecer entre o terapeuta e o paciente, de um modo ao mesmo tempo simbólico e real, uma **relação análoga** à que existiria entre uma “boa mãe” e seu filho.

NARCISISMO – Por referência ao mito de Narciso, **é o amor pela imagem de si mesmo.**

NARCISISMO PRIMÁRIO, NARCISISMO SECUNDÁRIO – O narcisismo primário designa um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido em si mesma. O narcisismo secundário designa um retorno ao ego da libido retirada dos seus investimentos objetais.

NECESSIDADE DE PUNIÇÃO – Exigência interna postulada por Freud como dando origem ao comportamento de certos sujeitos em quem a investigação psicanalítica mostra que procuram situações penosas ou humilhantes e se comprazem nelas (masoquismo moral). O que há de irreduzível em tais comportamentos deveria, em última análise, ser referido à pulsão de morte.



NEGAÇÃO – Processo pelo qual o sujeito, embora formulando um dos seus desejos, pensamentos ou sentimentos até então recalcado, continua a defender-se dele negando que lhe pertença.

NEUROSE – Afecção (sig : doença) psicogênica em que os sintomas são a expressão simbólica de um conflito psíquico que tem raízes na história infantil do sujeito e constitui compromissos entre o desejo e a defesa. A extensão do termo neurose tem variado bastante; atualmente tende-se a reservá-lo, quando isolado, para as formas clínicas que podem ser ligadas à neurose obsessiva, à histeria e à neurose fóbica. A nosografia distingue assim neuroses, psicoses, perversões e afecções psicossomáticas.

NEUROSE OBSESSIVA – Classe de neuroses definidas por Freud e que constituem um dos principais quadros da clínica psicanalítica. Na forma mais típica, o **conflito psíquico** exprime-se (sig: explica-se) por sintomas chamados **compulsivos** (**idéias obsedantes**, compulsão a realizar atos indesejáveis, luta contra estes pensamentos e estas tendências, **ritos conjuratórios**, etc.) e por um modo de pensar caracterizado particularmente por ruminacão mental, dúvida, escrúpulos, e que leva a inibições do pensamento e da ação.

Freud definiu sucessivamente a especificidade etiopatogênica da neurose obsessiva do ponto de vista dos mecanismos (deslocamento do afeto para representações mais ou menos distantes do conflito original, isolamento, anulação retroativa); do ponto de vista da vida pulsional (ambivalência, fixação na fase anal e regressão); e por fim, do ponto de vista tóxico (relação sadomasoquista interiorizada sob a forma da tensão entre o ego e um superego particularmente cruel).

PARANÓIA – Psicose crônica **caracterizada por um delírio** mais ou menos bem sistematizado, pelo predomínio da interpretação e pela ausência de enfraquecimento intelectual, e que geralmente não evolui para a deterioração. Freud inclui na paranóia não só o **delírio** de perseguição, como a erotomania, o delírio de ciúme e o delírio de grandeza.

PERVERSÃO – Desvio em relação ao ato sexual “normal”, definido este como coito que visa a obtenção do orgasmo por penetração genital, com uma pessoa do sexo oposto. Diz-se que existe perversão quando o orgasmo é obtido com outros objetos sexuais (pedofilia, bestialidade, etc.), ou por outras zonas corporais (coito anal, por exemplo) e quando o orgasmo é



subordinado de forma imperiosa a certas condições extrínsecas (fetichismo, voyeurismo e exibicionismo, sadomasoquismo); estas podem proporcionar, por si sós, o prazer sexual.

PRÉ-CONSCIENTE * – Termo utilizado por Freud no quadro de sua primeira tópica. Distinguem-se dos conteúdos do sistema inconsciente na medida em que permanecem de direito acessíveis à consciência (conhecimentos e recordações não atualizados, por exemplo).

O sistema pré-consciente é regido pelo processo secundário. **Está separado do sistema inconsciente pela censura**, que não permite que os conteúdos e os processos inconscientes passem para o PCs sem sofrerem transformações.

PRÉ-EDIPIANO – Qualifica o período do desenvolvimento psicosexual anterior à instauração do complexo de Édipo; nesse período predomina, nos dois sexos, o apego à mãe.

PRÉ-GENITAL – Adjetivo usado para qualificar as pulsões, as organizações, as fixações, etc, que se referem ao período do desenvolvimento psicosexual em que o primado da zona genital ainda não se estabeleceu.

PRINCÍPIO DA CONSTÂNCIA – Princípio enunciado por Freud, segundo o qual o aparelho psíquico tende a manter a nível tão baixo ou, pelo menos, tão constante quanto possível a quantidade de excitação que contém. A constância é obtida, por um lado, pela descarga da energia já presente e, por outro, pela evitação do que poderia aumentar a quantidade de excitação e pela defesa contra esse aumento.

PRINCÍPIO DO PRAZER – Um dos dois princípios que, segundo Freud, regem o funcionamento mental: a atividade psíquica no seu conjunto tem por objetivo evitar o desprazer e proporcionar o prazer. É um princípio econômico na medida em que o desprazer está ligado ao aumento das quantidades de excitação e o prazer à sua redução.

PRINCÍPIO DE REALIDADE – Um dos dois princípios que, segundo Freud, regem o funcionamento mental. Forma par com o princípio do prazer, e modifica-o; na medida em que consegue impor-se como princípio regulador, a procura da satisfação já não se efetua pelos caminhos mais curtos, mas faz desvios e adia o seu resultado em função das condições impostas pelo mundo exterior.



PROCESSO PRIMÁRIO, PROCESSO SECUNDÁRIO – Os dois modos de funcionamento do aparelho psíquico, tais como foram definidos por Freud. Podemos distinguí-los radicalmente: do ponto de vista tópico, o processo primário caracteriza o sistema inconsciente e o processo secundário caracteriza o sistema pré-consciente-consciente.

PROJEÇÃO – Operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo “objetos” que ele desconhece ou recusa nele. Trata-se aqui de uma defesa de origem muito arcaica, que vamos encontrar em ação particularmente na paranóia, mas também em modos de pensar normal.

PROVA DE REALIDADE – Processo, postulado por Freud, que permite ao sujeito distinguir os estímulos provenientes do mundo exterior dos estímulos internos, e evitar a confusão possível entre o que o sujeito percebe e o que não passa de representações suas, confusão que estaria na origem da alucinação.

PSICANÁLISE – Disciplina fundada por Freud e na qual podemos, com ele, distinguir três níveis:

- A) Um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito. Este método baseia-se principalmente nas associações livres do sujeito, que são a garantia da validade da interpretação. A interpretação psicanalítica pode estender-se a produções humanas para as quais não se dispõe de associações livres.
- B) Um método psicoterápico baseado nesta investigação e especificado pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo. O emprego da psicanálise como sinônimo de tratamento psicanalítico está ligado a este sentido; exemplo: começar uma psicanálise (ou análise).
- C) Um conjunto de teorias psicológicas e psicopatológicas em que são sistematizados os dados introduzidos pelo método psicanalítico de investigação e de tratamento.

PSICONEUROSE DE DEFESA – Denominação usada por Freud nos anos de 1894-96 para designar certo número de distúrbios psiconeuróticos (histeria, fobia, obsessão, certas psicoses), evidenciando nelas o papel, descoberto na histeria, do conflito defensivo.



Uma vez adquirida a ideia de que em qualquer psicose a defesa desempenha uma função essencial, a expressão psicose de defesa, que se justificava pelo seu valor heurístico, se apaga em favor do termo psicose.

PSICOSE – A psicanálise procurou definir diversas estruturas: paranoia (onde inclui de modo bastante geral as afecções delirantes) e **esquizofrenia**, por um lado, e, por outro, **melancolia e mania**. Fundamentalmente, é uma perturbação primária da relação psicose, onde a maioria dos sintomas manifestos (particularmente construção delirante) são tentativas secundárias de restauração do laço objetal.

PULSÃO – Processo dinâmico que consiste numa **pressão ou força** (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua **fonte numa excitação corporal** (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional: é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta.

PULSÃO DE AGRESSÃO – Designa para Freud as pulsões de morte enquanto voltadas para o exterior. A meta da pulsão de agressão é a destruição do objeto.

PULSÃO DE DOMINAÇÃO – Denominação usada em algumas ocasiões por Freud, sem que seu emprego possa ser codificado com precisão. Freud entende por ela uma pulsão **não sexual**, que só secundariamente se une à sexualidade e cuja meta é dominar o objeto pela força.

PULSÃO PARCIAL – Esta expressão designa os elementos últimos a que chega a psicanálise na análise da sexualidade. Cada um destes elementos se especifica por uma fonte (**por exemplo, pulsão oral, pulsão anal**) e por uma meta (por exemplo, pulsão de ver, pulsão de dominação). As pulsões parciais funcionam primeiro independentemente e tendem a unir-se nas diversas organizações libidinais.

PULSÃO SEXUAL – Nela se verificam eminentemente algumas das características da pulsão que a diferenciam de um instinto: o seu objeto **não é pré-determinado**



biologicamente e as suas **modalidades** de satisfação (metas ou objetivos) são **variáveis**, mais especialmente ligadas ao funcionamento de **zonas corporais** determinadas (zonas erógenas), mas suscetíveis de acompanharem as atividades mais diversas em que se apoiam. Esta diversidade das fontes somáticas da excitação sexual implica que a pulsão sexual não está unificada desde o início, mas que começa fragmentada em pulsões parciais cuja satisfação é local (prazer do órgão).

A psicanálise mostra que a pulsão sexual no homem está estreitamente ligada a um **jogo de representações ou fantasias** que a especificam. Só ao fim de uma evolução complexa e aleatória ela se organiza sob o primado da genitalidade e reencontra então a fixidez e a finalidade aparentes do instinto.

Do ponto de vista econômico, Freud postula a existência de uma energia única nas vicissitudes da pulsão sexual: **a libido**.

Do ponto de vista dinâmico, Freud vê na pulsão sexual um **pólo** necessariamente presente **no conflito psíquico**: é o objeto privilegiado do recalçamento no inconsciente.

PULSÕES DE AUTOCONSERVAÇÃO* – Expressão pela qual Freud designa o conjunto das necessidades ligadas às funções corporais essenciais à conservação da vida do indivíduo; a **fome** constitui o seu protótipo. No quadro da primeira teoria das pulsões, Freud contrapõe as pulsões de autoconservação às pulsões sexuais.

PULSÕES DE MORTE* – No quadro da última teoria freudiana das pulsões, designa uma categoria fundamental de pulsões que se contrapõem às pulsões de vida e que tendem a reconduzir o ser vivo ao estado anorgânico. Voltadas inicialmente para o interior e tendendo à autodestruição, as pulsões de morte seriam secundariamente dirigidas para o exterior, manifestando-se então sob a forma da pulsão de agressão ou de destruição.

PULSÕES DE VIDA* – Grande categoria de pulsões que Freud contrapõe, na sua última teoria, às pulsões de morte. Tendem a constituir unidades cada vez maiores, e a mantê-las. As pulsões de vida, também designadas pelo termo **“Eros”**, abrangem não apenas as **pulsões sexuais** propriamente ditas, mas ainda as **pulsões de autoconservação**.



PULSÕES DO EGO * – No quadro da primeira teoria das pulsões, as pulsões do ego designam um tipo específico de pulsões cuja **energia está colocada a serviço do ego** no conflito defensivo; são assimiladas às pulsões de autoconservação e **contrapostas** às pulsões sexuais.

RACIONALIZAÇÃO – Processo pelo qual o sujeito procura apresentar uma explicação coerente do ponto de vista lógico, ou aceitável do ponto de vista moral, para uma **atitude**, uma ação, uma ideia, um sentimento, etc., cujos motivos verdadeiros não percebe; fala-se mais especialmente da **racionalização de um sintoma**, de uma compulsão defensiva, de uma forma reativa. A racionalização intervém também no delírio, resultando numa sistematização mais ou menos acentuada.

REALIZAÇÃO DE DESEJO – Formação psicológica em que o desejo é imaginariamente apresentado como realizado. As produções do inconsciente (**sonho, sintoma e, por excelência, a fantasia**) são realizações de desejo em que este se exprime de uma forma mais ou menos disfarçada.

RECALQUE ou RECALCAMENTO – Operação pela qual o sujeito procura **repelir ou manter no inconsciente** representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma **pulsão**. O recalque produz-se nos casos em a satisfação de uma pulsão – suscetível de proporcionar prazer por si mesma – ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências. O recalque é especialmente patente na histeria, mas desempenha também um papel primordial nas outras afecções mentais, assim como em psicologia normal.

RECALQUE (ou RECALCAMENTO) ORIGINÁRIO ou PRIMÁRIO – Processo hipotético descrito por Freud como primeiro momento da operação do recalque. Tem como efeito a formação de um certo número de representações inconscientes ou “recalcado originário”. Os núcleos inconscientes assim constituídos **colaboram** mais tarde no recalque propriamente dito pela atração que exercem sobre os conteúdos a recalcar, conjuntamente com a repulsão proveniente das instâncias superiores.



RECUSA (- DA REALIDADE) – Termo usado por Freud num sentido específico: **modo de defesa** que consiste numa recusa por parte do sujeito em reconhecer a realidade de uma percepção traumatizante. Este mecanismo é evocado por Freud em particular para explicar o **fetichismo** (recusa em perceber a ausência de pênis na mulher) e nas psicoses.

REGRA FUNDAMENTAL – Regra que estrutura a situação analítica. O analisando é convidado a dizer o que pensa e sente sem nada escolher e sem nada omitir do que lhe vem ao espírito, ainda que lhe pareça desagradável de comunicar, ridículo, desprovido de interesse ou despropositado.

REGRESSÃO – A regressão é uma noção de uso muito frequente em psicanálise e na psicologia contemporânea; é concebida, a maioria das vezes, como um retorno a formas anteriores do desenvolvimento do pensamento, das relações de objeto e da estruturação do comportamento.

RELAÇÃO DE OBJETO – Expressão usada com muita frequência na psicanálise contemporânea para designar o modo de **relação do sujeito com seu mundo**, relação que é resultado complexo e total de uma determinada organização da personalidade, de uma apreensão mais ou menos fantasística dos objetos e de certos tipos privilegiados de defesa.

Fala-se das relações de objeto de um dado sujeito, mas também de tipos de relações de objetos, ou em referência a momentos evolutivos (exemplo: relação do objeto oral), ou à psicopatologia (exemplo: relação de objeto melancólica).

REPRESENTANTE DA PULSÃO – Expressão utilizada por Freud para designar os elementos ou processos em que a pulsão encontra sua expressão psíquica. Algumas vezes a expressão é sinônima de representante-representação, em outras é mais ampla, englobando também o afeto.



REPRESSÃO – (dúvida)** A) Em sentido amplo: operação psíquica que tende a fazer desaparecer da consciência um conteúdo desagradável ou inoportuno: ideia, afeto, etc.

Neste sentido, o recalque seria uma modalidade especial de repressão.

B) Em sentido mais restrito: designa certas operações do sentido A diferentes do recalque:

a) ou pelo caráter consciente da operação e pelo fato de o conteúdo reprimido se tornar simplesmente pré-consciente e não inconsciente;

b) Ou, no caso da repressão de um afeto, porque este não é transposto para o inconsciente, mas inibido, ou mesmo suprimido.

RESISTÊNCIA *– Chama-se resistência a tudo o que nos **atos** e **palavras** do analisando, durante o tratamento psicanalítico, se opõe ao **acesso deste** ao seu inconsciente.

RESTOS DIURNOS – Na teoria psicanalítica do sonho, elementos do estado de vigília do dia anterior que encontramos no relato do sonho e nas associações livres da pessoa que sonha; estão em conexão mais ou menos longínqua com o desejo inconsciente que se realiza no sonho.

RETORNO DO RECALCADO – Processo pelo qual os elementos recalcados, nunca aniquilados pelo recalque, tendem a reaparecer e conseguem fazê-lo de maneira deformada sob a forma de compromisso, como por exemplo, nos sintomas.

SADOMASOQUISMO – O sadismo e o masoquismo são as duas formas, ativa e passiva, do mesmo prazer proveniente da excitação sexual ligada à crueldade e ao fato de se infligir dor. O registro assim definido reúne, portanto, no mesmo indivíduo essas duas formas de opostos que sempre coexistem. Também representa o vínculo pré-genital estabelecido entre duas pessoas, uma das quais assume o papel sádico e a outra o papel masoquista. Ele é essencialmente inscrito e construído na fase sádico-anal.

SEDUÇÃO (CENA DE – TEORIA DA -) – 1. Cena real ou fantasística em que o sujeito (geralmente uma criança) sofre passivamente da parte de outro (a maioria das vezes um adulto) propostas ou manobras sexuais.



2. Teoria abandonada por Freud entre 1895 e 1897, e ulteriormente abandonada, que atribui à lembrança de cenas reais de sedução o papel determinante na etiologia as psiconeuroses.

SENTIMENTO DE CULPA – Expressão utilizada em psicanálise numa acepção muito ampla. Pode designar um estado afetivo consecutivo a um ato que o sujeito considera repreensível, e a razão invocada pode, aliás, ser mais ou menos apropriada (remorso do criminoso ou auto-recriminações aparentemente absurdas), ou ainda um sentimento difuso de indignidade sem relação com um ato determinado de que o sujeito se acuse. Por outro lado, é postulado pela análise como sistema de motivações inconscientes que explica comportamentos de fracasso, condutas delinquentes, sofrimentos que o indivíduo inflige a si mesmo, etc.

Neste último sentido, a palavra “sentimento” só deve ser utilizada com reservas, na medida em que o sujeito pode não se sentir culpado ao nível da experiência consciente.

SUBLIMAÇÃO – Processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Freud descreveu como atividades de sublimação principalmente a atividade artística e a investigação intelectual.

Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo objetivo não sexual e em que visa objetos socialmente valorizados.

SUPEREGO ou SUPEREU – Uma das instâncias da personalidade tal como Freud a descreveu no quadro da sua segunda teoria do aparelho psíquico: o seu papel é assimilável ao de um juiz ou de um censor relativamente ao ego, Freud vê na consciência moral, na auto-observação, na formação de ideais, funções do superego. Classicamente, o superego é definido como o herdeiro do complexo de Édipo, constituiu-se por interiorização das exigências e das interdições parentais.

TANATOS – Termo grego (a Morte) às vezes utilizado para designar as pulsões de morte, por simetria com o termo “Eros”; o seu emprego sublinha o carácter radical do dualismo pulsional conferindo-lhe um significado quase mítico.



TRABALHO DO LUTO – Processo intrapsíquico, consecutivo à perda de um objeto de afeição, e pelo qual o sujeito consegue progressivamente desapegar-se dele.

TRAUMA ou TRAUMATISMO PSÍQUICO – Acontecimento da vida do sujeito que se define pela sua intensidade, pela incapacidade em que se encontra o sujeito de reagir a ele de forma adequada, pelo transtorno e pelos efeitos patogênicos duradouros que provoca na organização psíquica. Em termos econômicos (*como assim?? Duvidas....*), o traumatismo caracteriza-se por um afluxo de excitações que é excessivo em relação à tolerância do sujeito e à sua capacidade de dominar e de elaborar psiquicamente estas excitações.

TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE – Livro de Sigmund Freud publicado pela primeira vez em 1905. A obra é dividida em três partes. Na primeira, dedicada às aberrações sexuais, Freud introduz pela primeira vez a palavra pulsão, a fim de descrever os “desvios em relação ao objeto sexual”, entre os quais inclui a “inversão” e os “imaturas sexuais e animais tomados como objetos sexuais”. Através dessa terminologia, saída do vocabulário corrente, ele designa três formas de comportamento sexual consideradas “taras” pelos médicos do fim do século: a “homossexualidade”, a pedofilia (relação sexual entre um adulto e uma criança pré-púbere) e a zoofilia (relação sexual entre um ser humano e um animal). Para Freud trata-se de mostrar que essas “aberrações”, por mais diferentes que sejam umas das outras, não podem de maneira alguma ser vistas como a expressão da degenerescência, a homossexualidade menos ainda que as outras.

Não apenas Freud diversifica as formas possíveis da homossexualidade, como também faz desta um componente “adquirido”, e não “inato”, da sexualidade humana. Assim, ela pode ser diferentemente encarada conforme as culturas e os estágios de civilização. Para ampliar ainda mais sua definição, Freud faz da homossexualidade, no capítulo seguinte, uma inclinação inconsciente e universal presente em todos os neuróticos, isto é, em qualquer sujeito. Daí esta formulação célebre, na qual ele já havia pensado em 1896: “A neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão”. Aliás, é a tal ponto o negativo dela que Freud sublinha, em sua recapitulação final, de que maneira, através



do recalque, uma pessoa pode passar de uma para a outra. Após uma intensa atividade sexual perversa na infância, frequentemente se produz uma reviravolta, e a neurose substitui a perversão.

Nessa mesma perspectiva, Freud faz da pedofilia e da zoofilia comportamentos que se mascaram sob uma aparência de extrema “normalidade”. Essas duas aberrações não estão ligadas, a seu ver, a uma doença mental, mas a um estado infantil da própria sexualidade. Daí o fato de os pedófilos e os zoófilos aparecerem como indivíduos covardes, mas perfeitamente adaptados à vida social burguesa ou camponesa.

A continuação dessa parte é dedicada a uma vasta análise das outras perversões (fetichismo e sadomasoquismo), bem como às formas particulares de práticas eróticas ligadas à boca (felação, cunilíngua). Todas são reintegradas por Freud no quadro geral de um funcionamento pulsional organizado em torno de um conjunto de zonas erógenas.

A segunda parte do livro, a mais essencial, consiste numa exposição, a um tempo simples e divertida, das variações da sexualidade infantil. Verdadeira matriz da teoria da libido, essa dissertação magistral, à qual seriam acrescentadas diversas passagens, serve também para a elucidação do complexo de castração, da idéia da inveja do pênis e, por último, da gênese da noção de estágio (oral, anal, fálico e genital) retirada da biologia evolucionista. O componente central da organização da sexualidade infantil continua a ser o que Freud denomina de “disposição-perverso-polimorfa”.

Ao mostrar que as atividades infantis – os tipos de sucção, a masturbação, as brincadeiras com o corpo ou com as fezes, a alimentação, a defecação etc. – são fontes de prazer e de auto-erotismo, Freud destrói o velho mito do “paraíso dos amores infantis”. Antes dos quatro anos, a criança é um ser de gozo, cruel, inteligente e bárbaro, que se entrega a toda sorte de experiências sexuais, às quais renunciará ao se transformar em adulto. No que concerne a esse aspecto, a sexualidade infantil não conhece lei nem proibição, e leva em conta, para se satisfazer, todos os objetos e todos os alvos possíveis.

Testemunho disso, se necessário, são as “teorias” fabricadas pelas crianças a propósito de sua origem: a teoria da cloaca, segundo a qual os bebês vêm ao mundo pelo reto e são equivalentes às fezes, com sua variação, o parto através do umbigo, e a teoria do caráter sádico-anal do coito parental, que faz do parto um ato de sodomia,



acompanhado de uma violência originária semelhante a um estupro. Em 1908, em “Sobre as teorias sexuais das crianças”, Freud acrescentaria diversas outras “teorias” a essas: por exemplo, a idéia de que as crianças são concebidas pela urina ou pelo beijo, ou de nascem logo depois do coito, ou ainda de que os homens, tal como as mulheres, podem ter bebês. No mesmo ano, em “Caráter e erotismo anal” Freud associaria a atividade anal ao desenvolvimento posterior das melhores qualidades espirituais no sujeito.

O terceiro ensaio é dedicado a um estudo da puberdade e, portanto, da passagem da sexualidade infantil para a sexualidade adulta, através do Complexo de Édipo e da instauração de uma escolha de objeto fundamentada, de um modo geral, na diferença entre os sexos.

Com esse livro fundamental, Freud abriu caminho para o desenvolvimento da psicanálise de crianças e para a reflexão sobre a educação sexual: insistiu, por exemplo, em que os adultos nunca mentissem para as crianças no que concerne à origem delas e em que a sociedade se mostrasse tolerante para com a sexualidade em geral.

VIVÊNCIA DE SATISFAÇÃO – Tipo de experiência originária postulada por Freud e que consiste no apaziguamento, no lactente, e graças a uma intervenção exterior, de uma tensão interna criada pela necessidade. A imagem do objeto satisfatório assume então um valor eletivo na constituição de desejo do sujeito. Ela poderá ser reinvestida na ausência do objeto real (satisfação alucinatoria do desejo) e irá guiar sempre a busca ulterior do objeto satisfatório.

VOYEURISMO – o voyeurismo é uma manifestação desviante da sexualidade que implica em olhar sem ser visto a fim de obter um gozo.

É nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905) que Freud aborda como psicanalista o campo das perversões e especifica em que circunstâncias “o prazer escópico se converte numa perversão: (a) quando se limita exclusivamente às partes genitais, (b) quando está associado à superação da repugnância (espectadores das funções excrementícias), (c) quando recalca a finalidade sexual normal, em vez de a preparar”. As diferentes correntes pulsionais do ver são desviadas pelo voyeur, que procura espiar as partes genitais do outro, enquanto dissimula as dele, mas também



almeja ser visto espiando para corresponder ao que ele crê ser o desejo de ver do outro.

ZONA ERÓGENA – Qualquer região do revestimento cutâneo-mucoso suscetível de se tornar sede de uma excitação de tipo sexual. De forma mais específica, certas regiões que são fundamentalmente sedes dessa excitação: zona oral, anal, uretro-genital, mamilo.

REFERÊNCIAS

BAKER, L. R. Attitudes in Action. Separata de: LECLERC, A.; QUEIROZ, G.; WRIGLEY, M. B. Proceedings of the Third International Colloquium in Philosophy of Mind. Manuscrito - Revista Internacional de Filosofia, v. 25 (Special Number), p. 47-78, 2002.

BREUER, J.; FREUD, S. (1895[1893]). Comunicação Preliminar. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 15-297.

BREUER, J.; FREUD, S. (1895). Estudos sobre a histeria. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 15-297.

FREUD, S. (1894). As Neuropsicoses de Defesa. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 49-65. FREUD, S. (1895[1894]). Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 87-114. FREUD, S. (1895). Resposta às críticas a meu artigo sobre a neurose de angústia. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 115-132.

FREUD, S. (1950[1895]). Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 385-529. 83



FREUD, S. (1950[1896]). Carta 52. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 317-324.

FREUD, S. (1950[1892]). Rascunho A. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 253-255.

FREUD, S. (1950[1893]). Rascunho B. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 255-262.

FREUD, S. (1950[1894]). Rascunho E. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 269-276.

FREUD, S. (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 10. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 11-154.

FREUD, S. (1913). Totem e Tabu. In:

FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 11-125.

FREUD, S. (1914a). Recordar, repetir e elaborar. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 189-203.

FREUD, S. (1914b). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 83-119.

84 FREUD, S. (1917[1916-17]). Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 16. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 287-539.

FREUD, S. (1921). Psicologia das massas e análise do ego. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 89-179.

FREUD, S. (1923). O Ego e o Id. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 11-83.

FREUD, S. (1926[1925]). Inibições, Sintomas e Ansiedade. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 93-201.

FREUD, S. (1927). O Futuro de uma Ilusão. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 13-71.

FREUD, S. (1933[1932]). Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v.



22. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 11-220. FREUD, S. (1900). A Interpretação de Sonhos. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

FREUD, S. (1912). Alguns Comentários sobre o Conceito de Inconsciente na Psicanálise. In: FREUD, S. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 79-93.

FREUD, S. (1915). O Recalque. In: FREUD, S. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 175-193. 85 FREUD, S. (1915). O Inconsciente. In: FREUD, S. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 13-74.

FREUD, S. (1920). Além do Princípio de Prazer. In: FREUD, S. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 123-198.

GARCIA-ROZA, L. A. Freud e o Inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

GRAHAM, G.;

STEPHENS, G. L. Philosophical psychopathology. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1994.

GREEN, A. O Discurso vivo: a conceituação psicanalítica do afeto. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982. KOYRÉ, A. Estudos de história do pensamento científico. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

LACAN, J. (1964). O Seminário – livro 11. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1985.

LAPLANCHE, J. O Inconsciente e o Id. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAPLANCHE, J. A psicanálise como anti-hermenêutica. Psicanalítica, v. 3, n. 3, p. 71-86. 1995. LAPLANCHE, J. Breve tratado do Inconsciente. Psicanalítica, v. 5, n. 5, p. 7-43. 1997. LAPLANCHE, J. A Angústia. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 86 LAPLANCHE, J.; LECLAIRE, S. (1961). O inconsciente, um estudo psicanalítico. In: LAPLANCHE, J. O Inconsciente e o Id. São Paulo: Martins Fontes, 1992. PEREIRA, M. E. C. Pânico e Desamparo. São Paulo: Editora Escuta, 1999.